

LILIANE SOUZA DO AMARAL E
MARIANA SILVA ALVES *

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUC Minas. Bolsista CNPq.

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUC Minas. Bolsista CAPES.



Resumo

Neste trabalho, intencionamos realizar uma discussão sobre o conceito de *Themata*, aqui entendido como “princípio organizador”, “máxima”, “ideia central (ou universal)” de onde podemos criar uma Representação Social. Além de melhor discutir esse significado, é nosso objetivo também refletir sobre “como?”, “a partir de quê?” e “onde?” *Thematas* podem ser formadas e exemplificar, por meio de uma análise de canção, um caso em que podemos reconhecer uma “máxima” de nossa sociedade: “as diferenças de significado para o sexo e para o amor”. E a fim de realizarmos os objetivos anteriormente propostos, vamos utilizar como perspectiva teórica básica Moscovici (1993) e Moscovici e Vignaux (2003). Por fim, sugerimos ao final do texto, algumas referências que possam auxiliar o futuro leitor em novas leituras a respeito do conceito em questão.

Palavras-chave: Representação social. Cognição. *Themata*. Princípio organizador.

Segundo Moscovici e Vignaux (2003), nos últimos estudos sobre a teoria das Representações Sociais – RS, aprofundaram-se análises relacionadas à sua interface com estruturas cognitivas. Existem, porém, ainda em acordo com esses estudiosos, duas hipóteses que permitiram essa relação entre a cognição e a teoria das RS.

Na primeira hipótese, intitulada Teoria do Núcleo Central, uma RS constitui-se de elementos cognitivos, ou esquemas estáveis, ao redor dos quais se organizam outros elementos cognitivos, ou Esquemas Periféricos (MOSCOVICI; VIGNAUX, 2003). Os esquemas estáveis são mais fortes e de difícil mudança a partir das imposições e alterações

culturais e sociais, enquanto os Esquemas Periféricos são mais “fracos” e sofrem mais com as transformações próprias da cultura e da sociedade.

A segunda hipótese, que se constituirá foco deste verbete, traz às RS a concepção de “princípio organizador” (cf. Moscovici; Vignaux, 2003). Esse é um princípio que objetiva cercar a generalidade das RS; algo como uma ideia, uma máxima ou uma imagem.

É interessante perceber o diálogo possível entre essas duas hipóteses, já que a primeira trata de RS que podem ser alteradas, enquanto a segunda reconhece RS generalizadas. Esse diálogo foi possibilitado pela relação entre a cognição e a comunicação, entre operações mentais e operações linguísticas. A partir dessa relação, tornou-se possível entender todo o processo de uma RS. Um processo que vai de sua formação, passando por sua evolução em conhecimento prático até sua função social. Em conformidade com esse momento, o conceito de *Themata*, ou “Temas”, foi desenvolvido por Moscovici (1993), embora, segundo Lima (2008), esse conceito tenha sido originado de Holton (1981; 1982), sobre quem afirma:

ele [Holton] definiu como concepções primeiras às quais os homens de ciência aderem, que modulam a maneira pela qual a imaginação deles é governada. Trata-se de concepções fundamentais, estáveis, largamente difundidas, comuns a um grande número de cientistas; que se concretizam em conceitos, métodos ou hipóteses, que orientam a atividade de pesquisa e que não podem ser reduzidas nem à observação, nem ao cálculo. (LIMA, 2008, p. 244).

No entanto, como anteriormente esclarecido, foi apenas no ano de 1993 que Moscovici propôs e desenvolveu o conceito de *Themata* como hoje ele é concebido. É, porém, em Moscovici e Vignaux que essa noção é melhor elucidada, pois, para esses dois autores “toda representação social é constituída como um processo em que se pode localizar uma origem” (MOSCOVICI; VIGNAUX, 2003, p. 218). Essa origem, no entanto, é sempre inacabada, uma vez que outros fatos e discursos a nutrem, a “corrompem”, enfim, a transformam.

Ainda em acordo com a afirmação dos estudiosos supracitados, “as representações sociais são sempre complexas e necessariamente inscritas dentro de um ‘referencial de um pensamento preexistente’” (MOSCOVICI; VIGNAUX, 2003, p.216); sendo esse, dependente “de crenças ancoradas em valores, tradições e imagens do mundo e da existência” (MOSCOVICI; VIGNAUX, 2003, p. 216).

No entanto, o que seria essa “origem”, esse “pensamento preexistente”, caros às RS? A esse “pensamento preexistente” – e sinônimos – credita-se o papel de “ideias”, que de algum modo possuem o *status* de axiomas, ou princípio organizativo, assumido em determinado momento histórico para certo tipo de objeto ou situação.

Esse “pensamento preexistente”, denominado *Themata*, corresponde a ideias centrais, *Temas* gerais, a partir dos quais se cria uma RS. São ideias universais que se perdem no decorrer do tempo das sociedades; em certa medida, são autônomas e dissociadas da estrutura social. Segundo Moscovici e Vignaux (op.cit.), “a noção de tema indica que a possibilidade efetiva de sentido vai sempre além daquilo que foi concretizado pelos indivíduos, ou realizado pelas instituições”. (MOSCOVICI; VIGNAUX. 2003, p. 224).

No entanto, é necessário refletir sobre “como?” e “a partir de quê?” e “onde?” forma-se esse pensamento preexistente, essa ideia, essa origem, esse princípio organizativo, dentre outras denominações.

Moscovici e Vignaux ilustram a importância das reflexões anteriores, como é possível se verificar a seguir:

de onde vêm essas ideias ao redor das quais as representações são formadas ou mesmo são geradas? O que existe, na sociedade, que irá “ter sentido” e manter a emergência e produção de discurso? E, como consequência, como é que certas representações - entre todas aquelas produzidas por um discurso qualquer - podem chegar a ser qualificadas como sociais e exatamente sob qual fundamento? (MOSCOVICI; VIGNAUX, 2003, p. 222).

Na tentativa de responder a esses questionamentos, Moscovici e Vignaux assumem que a cognição humana presume processos de aprendizado e de Memória, que se desenvolvem por meio de processos de permanente adaptabilidade dos seres. Essa adaptação, segundo os autores acima, elabora conhecimento que, por sua vez, será “organizado em termos de processos orientados na direção de “Temas” comuns, tomados como a origem daquilo a que nos referimos cada vez, como conhecimento aceito ou mesmo como ideias primárias.” (MOSCOVICI; VIGNAUX, 2003, p. 223).

Embora a noção de “Tema”/*Themata* requeira ainda muitos estudos e debates para que lhe seja apresentado um resultado comprovado, ela pode variar de acordo com a disciplina ou área do conhecimento em que é trabalhada.

Para a “Sociologia” ou a “Antropologia”, por exemplo,

os temas, ou análises temáticas, expressam uma regularidade de estilo, uma repetição seletiva de conteúdos que foram criados pela sociedade e permanecem preservados pela sociedade. Eles se referem às possibilidades de ação e experiência em comum que podem se tornar conscientes e integradas em ações e experiências passadas. Em síntese, a noção de tema indica que a possibilidade efetiva de sentido vai sempre além daquilo que foi concretizado pelos indivíduos ou realizado pelas instituições. (MOSCOVICI; VIGNAUX, 2003, p. 224).

Nas ciências da linguagem, a “Linguística”, existe um processo fundamental denominado “Tematização”, que consiste em reconhecer, em cada enunciado, um elemento lexical que se constitua como “núcleo de sentido”:

Em cada fala, por exemplo, “Os Verdes são um movimento social”, há uma focalização léxica na forma da orientação da fala com respeito a uma palavra específica – substantivo ou verbo – que torna o ‘núcleo de sentido’, em última instância, uma referência (“os Verdes”) ao sentido da fala. E com a atividade da reiteração ou reescrita no discurso, há também, progressivamente, a construção de chaves para a leitura semântica que são impostas ao leitor ou ouvinte. (MOSCOVICI; VIGNAUX, 2003, p. 227).

A dissertação sobre o papel dos “Temas” nas “Representações Científicas” do mundo envolve uma retomada explicativa em Aristóteles, citado por Moscovici e Vignaux, para quem qualquer tipo de aprendizado envolve um saber preexistente:

Todo ensinar e todo aprender de um tipo intelectual procede de um conhecimento preexistente. Isso se torna evidente se nós estudarmos todos os casos: as ciências matemáticas são adquiridas dessa maneira e assim é com todas as artes. (...) Há dois modos segundo os quais nós devemos ter algum conhecimento: de algumas coisas nós já devemos acreditar que elas existem, de outras, nós devemos compreender quais são os pontos sobre os quais se fala (e de algumas coisas, devemos saber ambos os casos). (ARISTÓTELES, 1994 apud MOSCOVICI; VIGNAUX, 2003, p. 229).

Toma-se a *Themata*, sob essa perspectiva, como um “fazer inicial” da ciência; uma vez que, como notou Albert Einstein, revisitado e parafraseado pelas seguintes palavras de Moscovici e Vignaux, “é uma questão da relação entre intuição dessas leis gerais que formam a base para construções mentais e para a física” (MOSCOVICI; VIGNAUX, 2003, p. 229). Acredita-se, aqui, que o mesmo ocorra para todas as ciências. Para fundamentar essa discussão sobre a importância da noção de *Tema* para as ciências, segue-se outra afirmação desses autores:

Conforme Holton, ‘temas’ corresponderiam também ao tipo de ‘primeiras concepções profundamente arraigadas, que informam a ciência, como a percepção que nós temos dela’: ‘ideias primitivas’ possuem tanto as características dos estratos originais da cognição, como das imagens arquetípicas do mundo, de sua estrutura e gênese. (MOSCOVICI; VIGNAUX, 2003, p. 230).

A partir de reflexões em torno da noção de “Tema” nas RS, pode-se suscitar a seguinte questão: qual seria a “ideia-primeira” ou “ideia-fonte” em torno da qual são criadas as RS?

Uma resposta a essa questão pode ser encontrada em Moscovici e Vignaux:

Todos os nossos discursos, nossas crenças, nossas representações provêm de muitos outros discursos e muitas outras representações elaboradas antes de nós e derivadas delas. É uma questão de palavras, mas também de imagens mentais, crenças, ou 'pré-concepções'. Faltando-nos a capacidade de dominar completamente a origem das concepções no longo espaço de tempo (*longue durée*), a análise das representações sociais não pode fazer mais que tentar, por um lado, identificar o que, em determinado nível 'axiomático' em textos e opiniões, chega a operar como "primeiros princípios", "ideias propulsoras" ou imagens" e, por outro lado, esforça-se para mostrar a 'consistência' empírica e metodológica desses 'conceitos', ou 'noções primárias', na sua aplicação regular ao nível de argumentação cotidiana ou acadêmica. (MOSCOVICI; VIGNAUX, 2003, p. 242).

Os autores supracitados ainda ressaltam que, na representação de um conceito, os limites entre o discurso "acadêmico" e o "comum" não são fixos e que há "uma passagem contínua entre um e outro". E completam:

elas [as representações sociais] são sempre derivadas de elementos nucleares 'pseudoconceptuais': arquétipos de raciocínio comum ou 'pré-concepções' estabelecidas ao longo de um largo espaço de tempo (*longue durée*), isto é, tributárias de histórias retóricas e crenças sociais que possuem o status de imagens genéricas. Na verdade, é uma questão de topoi, isto é, de 'locais' de senso comum onde elas encontram a fonte de desenvolvimentos e os meios de se legitimar, pois esses 'locais' estão ancorados no perceptível (cognição partilhada e popular) e na experiência ritualizada (cultura e seus ritos, isto é, suas partes operativas na representação). Elas tomam, geralmente, a forma de noções ancoradas em sistemas de oposição (isto é, termos que são contrastados a fim de ser relacionados) relativas ao corpo, ao ser, à ação na sociedade e ao mundo de maneira geral; toda linguagem testemunha isso. (MOSCOVICI; VIGNAUX, 2003, p. 244-246).

A fim de melhor visualizar a citação anterior, lança-se mão de um exemplo musical intitulado "Amor e Sexo", composição de Rita Lee, Roberto de Carvalho e Arnaldo Jabor. Nessa canção, o "eu lírico" tece uma comparação entre o que seria o "amor" e o "sexo"; a seguir, a canção:

Amor e Sexo

Rita Lee, Roberto de Carvalho e Arnaldo Jabor

Amor é um livro

Sexo é esporte

Sexo é escolha
Amor é sorte
Amor é pensamento, teorema
Amor é novela
Sexo é cinema
Sexo é imaginação, fantasia
Amor é prosa
Sexo é poesia
O amor nos torna patéticos
Sexo é uma selva de epiléticos
Amor é cristão
Sexo é pagão
Amor é latifúndio
Sexo é invasão
Amor é divino
Sexo é animal
Amor é bossa nova
Sexo é carnaval
Amor é para sempre
Sexo também
Sexo é do bom...
Amor é do bem...
Amor sem sexo,
É amizade
Sexo sem amor,
É vontade
Amor é um
Sexo é dois
Sexo antes,
Amor depois
Sexo vem dos outros,
E vai embora
Amor vem de nós,
E demora
Amor é cristão
Sexo é pagão
Amor é latifúndio
Sexo é invasão
Amor é divino
Sexo é animal
Amor é bossa nova
Sexo é carnaval
Amor é isso,
Sexo é aquilo
E coisa e tal...
E tal e coisa...

Há na canção exemplificada uma oposição entre a representação do sexo e a do amor, que permite que alguns Temas conceituais sejam derivados (acredita-se que o principal deles seja “amor é cristão” e “sexo é pagão” ou “amor é divino” e “sexo é animal”) que, através de um longo período (longue durée), irão conformar nosso comportamento, nossa conduta e, sobretudo, nossas imagens, mas que também chegam a operar como “núcleos semânticos” gerando e organizando regimes

discursivos, posicionamentos cognitivos e culturais, em outras palavras, classes de argumentação (“sexo é pecado” versus “sexo é uma manifestação de amor”, “sexo como manifestação de prazer” versus “sexo com finalidades reprodutivas”, etc.). Desse modo, comparando discursos que carregam conflitos socioéticos, podem-se encontrar novamente aqueles tópicos comparáveis às propriedades atribuídas ao “outro” e legitimando oposição.

Continuando na análise da canção, levanta-se a questão de que diferentes perspectivas sobre o amor e o sexo são citadas, inclusive a perspectiva do que seria “amor sem sexo” e o que seria “sexo sem amor”. No entanto, não houve a perspectiva do que seriam “amor e sexo juntos”. Não teria o “eu lírico” da canção uma resposta a essa indagação? Seria a música um indício de que a sociedade atual possui uma *Themata* de que sexo e amor são coisas distintas? Ou que, ao menos, não se complementam?

A resposta a essa questão não é importante neste texto. Importante é reconhecer, em análises de RS, como as do amor e as do sexo, aqui exemplificadas, o que funciona como crença relativamente estável ou como desenvolvimento da cognição social, pois as RS podem se alterar. Segundo Moscovici e Vignaux “trata-se de identificar, por um lado, o que se apresenta “literalmente” e, por outro lado, o que surge do debate construtivo e apresenta processos adaptativos, índices de transformações sociais e culturais” (MOSCOVICI; VIGNAUX, 2003, p. 246).

Ainda na canção, é necessário pensar que as representações do amor e do sexo mudaram ao longo da história da humanidade (*longue durée*); eles não eram representados na Antiguidade Clássica da mesma forma que durante a Idade Média. E hoje, o que restou e o que mudou de cada uma dessas representações?

Para finalizar a presente explanação sobre a noção de *Themata* ou Tema, é imprescindível o seguinte excerto de Moscovici e Vignaux:

Consequentemente, devemos admitir que juntamente com esses “invariantes” perceptuais ou neuro-sensores que organizam nossos mecanismos cognitivos básicos, há também nossas cognições ordinárias e que no decurso de um longo tempo (*longue durée*) são gravadas com postulados ancorados em crenças e é essa “gravação” que vemos emergir em nossos discursos na forma de aberturas ou fechamentos recorrentes – “aberturas” e “fechamentos” que integram “opostos” em um relance. E é essa “síntese de opostos” que, como na linguagem, fundamenta a integração de cada tema perceptível em uma ou mais noções. (MOSCOVICI; VIGNAUX, 2003, p. 247).

ABSTRACT

In this work, we intend to perform a discussion of the concept of *Themata*, defined here as “organizing principle”, “maximum”, “central idea (or universal

idea)” where we can create a Social Representation. In addition to better discuss the meaning, our purpose is also to look into “how”, “from what?” And “where?” Themata can be formed and illustrate, through an analysis of song, a case in we can recognize a “maximum” of our society, “the differences in meaning of sex and love.” And in order to accomplish the objectives previously proposed, we will use as a basic theoretical perspective Moscovici (1993) and Moscovici and Vignaux (2003). Finally, we suggest the end of the text, some references that may assist the reader in the future about new interpretations of the concept in question.

Keywords: Social Representation. Cognition. Themata. Organizing principle.

PARA APROFUNDAR NO TEMA:

MOREIRA, Antonia Silva Paredes; OLIVEIRA, Denize Cristina de (Org.). **Estudos Interdisciplinares de Representação Social**. 2. ed. rev. Goiânia: Cultura e Qualidade, 2000. p. 03-25.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. 4. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2003. 404 p.

REFERÊNCIAS

HOLTON, G. **L’imagination scientifi que**. Paris: Gallimard. 1981.

HOLTON, G. **L’invention scientifi que: Themata et interprétation**. Paris: PUF. 1982.

LEE, Rita; CARVALHO, Roberto de; JABOR, Arnaldo. Amor e Sexo. Intéprete: Rita Lee. In: RITA LEE. **Balacobaco**. Som Livre, 2003. 1 CD. Faixa 1.

LIMA, Laura Camara. A Articulação Themata-Fundos Tópicos: por uma Análise Pragmática da Linguagem. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 24, n.2, p. 243-246, 2008.

MOSCOVICI, Serge. The return of the unconscious. In: **Social research**, v. 60, n. 1, p. 39-93, 1993a..

MOSCOVICI, Serge. Introductory Address. **Papers on social representations**, v. 2, n. 3, p. 160-170, 1993b.

MOSCOVICI, Serge; VIGNAUX, Georges. O conceito de *themata*. In: MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. 4. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2003. 404 p.